

**11 A 13**  
DE DEZEMBRO  
DE 2024

EVENTO PRESENCIAL  
NA UFRPE RECIFE

2º Congresso Internacional de Agroecologia  
e Desenvolvimento Territorial (CIADT)  
11º Seminário de Agroecologia e  
Desenvolvimento Territorial (SEADT)

TEMA  
Agroecologia política, sistemas alimentares e transições agroecológicas

UNIVASF  
UNEB  
APOIO  
CAPES

## **Promoção da Soberania Alimentar a partir da produção de alimentos de um grupo de mulheres do Assentamento Normandia em Caruaru – PE**

Juciany Medeiros Araujo. Professora da Faculdade Professora do Centro Universo Recife. Nutricionista do Núcleo de Apoio da Saúde da Família- NASF, da Secretaria de Saúde do Recife-PE; E-mail: [jucianyedeiros@gmail.com](mailto:jucianyedeiros@gmail.com). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7450813155034024>

Ana Maria Dubeux Gervais. Docente do Programa de Pos-Graduação em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial da Universidade Federal Rural de Pernambuco (PPGADT - UFRPE) ; E-mail: [ana.gervais@ufrpe.br](mailto:ana.gervais@ufrpe.br). Currículo Lattes:<http://lattes.cnpq.br/7478606758967006>

**Linha de Pesquisa:** Ambiente, Saúde e Sistemas Agroalimentares.

### **1 Introdução**

As estratégias para buscar ampliar os processos de geração de renda seguem um caminho de valorização das mulheres, e, para além disso, trazem um elemento central que é mostrar a importância de seu modo de vida norteado pela Agroecologia (Siliprandi, 2009). As atividades tradicionalmente desenvolvidas por elas, dentro do escopo de produção familiar: hortas, pomares, pequenos animais, beneficiamento, além de proporcionar a mudança do comportamento na dimensão produtiva que fortalece as mulheres no sentido da valorização de seus conhecimentos e práticas em seus territórios (Jalil; Silva; Oliveira, 2020).

Dessa concepção já se compreende um aspecto importante também enfatizado por vários estudiosos, que o território não diz respeito somente à materialidade do espaço, pois não há território alheio às relações sociais (Haesbaert, 2009; Godoi, 2014). Para Raffestin (1993), o espaço é a base para a formulação do território, ou seja, o espaço existe antes do território pois, o primeiro é a “matéria-prima” para a construção social deste último. Essa

apropriação do espaço a que Raffestin se refere, é marcada por relações de poder exercidas por pessoas ou grupos, sem as quais não se pode definir um território.

Este trabalho está organizado em quatro partes além desta introdução: referencial teórico, o detalhamento da metodologia utilizada, as fases da pesquisa, e a última parte apresenta os resultados e discussões a partir das particularidades das experiências vivenciadas pela metodologia adotada, buscando responder à seguinte pergunta de pesquisa: através das práticas agroecológicas, a valorização dos saberes-fazeres locais e a busca da soberania alimentar, as mulheres fortalecem sua autonomia e promovem sua vinculação com o território?

Para esta inquietação, o estudo teve como objetivo analisar as estratégias de produção e reprodução da vida das mulheres do grupo de mulheres produtoras de alimento numa Agroindústria do assentamento Normandia em Caruaru – PE, identificando sua contribuição para a promoção da saúde, da segurança e soberania alimentar da Agroecologia e do seu fortalecimento no território.

## **2 Referencial teórico**

As singularidades presentes em algumas mulheres rurais e as relações estabelecidas com a vizinhança, grupo de produção e movimento de mulheres, ilustram um campo instigante, que permite análises em múltiplas dimensões. Revelam a importância de experiências auto organizativas de mulheres rurais e, em particular, a articulação com suas frentes de luta pela Agroecologia em resistência ao modelo do agronegócio, seja nas disputas pelo acesso à terra, o uso do solo, das sementes e dos bens comuns (Butto *et al.*, 2017).

A cada dia, novas demandas e temáticas surgem no próprio campo da agricultura familiar, a exemplo da invisibilidade do trabalho produtivo e reprodutivo das mulheres, relações de poder na propriedade e tomadas de decisão (Souza *et al.*, 2023). Por este ângulo, a agroecologia e o feminismo vão se adensando como parte da desconstrução das categorias colonialista de dominação, bem como de re-encanto e reconstrução de outra visão baseada na igualdade e na solidariedade (Carrasco, 2002; Siliprandi, 2015; Hora;

Sob a lógica do patriarcado não são reconhecidas e nem valorizadas as contribuições das mulheres para o desenvolvimento e conservação da biodiversidade e de agroecossistemas sustentáveis, assim como nenhum aspecto de seu trabalho e seus saberes-fazeres, fundamentados em práticas culturais e científicas complexas (Shiva, 2006).

Corroborando com esta discussão Michelle Perrot (2005), ressalta que há um projeto social, político e cultural de silenciar a história das mulheres, um recurso para esconder e invisibilizar suas ações, suas falas, ocultando-as e/ou excluindo-as do texto histórico. Contudo,

Maria Emília Pacheco (2009), afirma que existem diversas contribuições em atividades reprodutivas e produtivas agrícolas e não agrícolas desempenhadas por mulheres rurais.

Da mesma forma, a história das mulheres na constituição e trajetória em assentamentos rurais é marcada por uma representação do trabalho feminino como atividade secundária e marginal, envolto em uma rede de invisibilidade (Lopes, Butto, 2008).

O grupo de mulheres apresenta-se como uma alternativa ao modelo de agricultura dominante, buscando estabelecer comercialização direta, local e regional, dos produtos da agricultura agroecológica. Em sua maioria, as famílias do acampamento optaram pela produção agroecológica e pela inclusão das mulheres de forma mais direta na organização do grupo e no trabalho coletivo. Essa nova configuração do coletivo no assentamento possibilitou a inserção delas no trabalho na agroindústria fabricando bolos, pães e biscoitos agroecológicos.

### **3 Metodologia**

A pesquisa, em sua essência, representa um estudo de caso, de abordagem qualitativa, adotando o método da pesquisa-ação, pois teve uma interação entre esta pesquisadora e o espaço ou pessoas envolvidas na pesquisa, ou seja, a interação não se constitui apenas entre as pessoas, mas também pelo processo, que gerou problemas e soluções, ação e reflexão, de forma integrada, adotando a interdisciplinaridade de acordo com a Figura 2 (Minayo, 2010; Thiollent, 2011).

Portanto, a pesquisa teve o caráter interdisciplinar, associada ao método da pesquisa-ação, deu-se a base teórica e metodológica para fundamentar a análise dos fenômenos em torno do Grupo de Mulheres de Normandia ao se organizarem, ampliando as possibilidades de geração de renda a partir da comercialização de seus produtos agroecológicos.

A pesquisa utilizou um conjunto de técnicas, considerando o uso diversificado de instrumentos dialéticos e não dialéticos, importantes no desenvolvimento de um trabalho de pesquisa-ação (Morin, 2002). Para o desenvolvimento dessas etapas um dos principais instrumentos de levantamento de dados foram as “Cadernetas Agroecológicas”, efetivamente, por possibilitarem a visibilização e conhecer/sistematizar a contribuição das Boleiras para a economia solidária, para a economia feminista, para a segurança e soberania alimentar, para a Agroecologia e para a vida.

A pesquisa trouxe como produto final o Guia para Produção e Comercialização de Produtos Agroecológicos por Mulheres Rurais e sua vinculação com a promoção da autonomia e soberania alimentar e nutricional de suas famílias.

Para tanto, foi seguido o processo estabelecido, em especial, atenção às normas e procedimentos do Conselho de Ética da Universidade Federal Rural de Pernambuco.

#### **4 Resultados e Discussão**

A proposta do Guia para produção e comercialização de produtos agroecológicos por mulheres rurais é baseado no Guia Alimentar da População Brasileira, lançado em 2014, sua última versão, que traz como diretriz a promoção da alimentação adequada e saudável que compreende um conjunto de estratégias que objetivam proporcionar aos indivíduos e coletividades a realização de práticas alimentares apropriadas, assim:

[...] o Guia Alimentar para a População Brasileira se constitui como instrumento para apoiar e incentivar práticas alimentares saudáveis no âmbito individual e coletivo, bem como para subsidiar políticas, programas e ações que visem a incentivar, apoiar, proteger e promover a saúde e a segurança alimentar e nutricional da população (Brasil, 2014, p. 10)

Durante a construção do Guia, traçamos alguns pontos importantes: forma de fortalecer e valorizar o trabalho realizado por mulheres numa agroindústria, melhorar a utilização da renda familiar em favor de uma nutrição adequada, ofertar acesso a informações para um melhor ganho nutricional, fortalecer a agricultura familiar, incentivando à produção e à comercialização saberes-fazeres bem como estimular o consumo dos alimentos saudáveis.

A produção das Boleiras de Normandia constitui-se em uma estratégia de resistência camponesa, particularmente, porque a região é o que chamamos de Arranjo Produtivo Local (APL), especializado na produção de roupas, que leva uma parcela importante da população rural a trabalhar na indústria da confecção, a se proletarizar e a abandonar seu tradicional modo de vida.

Na produção de bolos, através de trabalho cooperativo, as mulheres preservam sua relação com a terra e, sobretudo, produzem renda, ou seja, autonomia financeira, uma condição necessária, mesmo que ainda não suficiente, de superar a pobreza e históricas relações patriarcais.

Neste sentido, a produção de bolos é muito mais do que produção de mercadoria, é uma ciranda de ensino e aprimoramento de histórias de vida e de receitas; de participação das mulheres na economia local; e de construção de relações sociais baseadas na amorosidade, na solidariedade e no bem-estar coletivo.

[...] a proposta deste Guia deve ser para que todas que sonhem como a gente possa também conseguir concretizar, então ele deve ser feito de forma que todo mundo entenda,...tem que ter figuras, desenhos, e as tabelas e as fichas que precisamos usar para se organizar, tem que ter uma forma que todo mundo entenda e queira usar, para não ficar guardado numa gaveta (Xique-xique, 2022).

A Fase 2, passamos a organizar os pontos necessários a serem abordados no Guia, foi uma das etapas mais difíceis de elaborar, pois tudo relacionado aos desafios e informações, foi avaliado como importante. Para isto, foram pesquisados vários Guias, além do Guia Alimentar da População Brasileira, de 2014, para conseguir trazer uma identidade para o material, e um dos Guias que trouxe uma metodologia diferenciada foi o da Organização pelo Direito Humano à Alimentação e à Nutrição Adequadas (FIAN), Brasil de 2021, que lança “*Cozinhando Agendas Políticas – Guia Feminista Sobre o Direito à Alimentação e à Nutrição das Mulheres Rurais*”. As metodologias propostas em diferentes seções do Guia tomam as experiências de vida e os conhecimentos das participantes, como ponto de partida. Segundo, Xique-xique, 2020,

[...] o Guia foi criado então para ser adaptado por diferentes grupos para tratar de suas necessidades e prioridades em resposta a suas próprias realidades,...é isso? (Xique-xique, 2020).

O Guia estendeu o convite às mulheres para compartilhar sua experiência para além das fronteiras. Isso enriqueceu a discussão e a reflexão coletivas sobre os diferentes recursos utilizados para dar vida às agendas atividades e superações vividas e desafios vividos por estas mulheres rurais.

A Fase 3, para validar o material, teve várias reuniões para discutir ponto a ponto, mas entende-se que não houve esgotamento. E todos entenderam que este material é um primeiro passo para elaboração de outros ou edições seguintes para melhor releitura.

[...] Validação é para o material, facilitar que o material tem que chegar, bem simples, para que todos possam usar, né?...nem todos tem estrutura de ter esse suporte que a gente tem, nem de longe, e olha a ousadia, mas e você vai dizer que isso não é possível? e elas vão sentir, [...] mas de posse desse material elas vão dizer eu posso conseguir fazer... (Barriguda, 2021).

Chegando na Fase 4, ao pensar no layout do Guia, tentamos trazer algo que representasse um pouco o território e as mulheres rurais, e que as pessoas que fossem ler este material, sem precisar ler, só em visualizar já identificasse que é um material que traz a

regionalidade de uma produção de alimentos. A linguagem do texto poderia ser mais regional ou menos acadêmica, mas para um primeiro momento de construção da proposta, foi compreendido que poderia, posteriormente ser adaptada, em uma outra versão, uma versão áudio explicativa.

Por fim, a elaboração deste Guia, não é apenas o produto desta tese, mas um desejo do grupo de mulheres rurais do Assentamento de Normandia, para visibilizar a sua forma de produzir, e a necessidade real de como se manter dentro de um mercado capitalista, para produção de alimentos com agroecológicos. Um material que ainda tem muito conteúdo para ser discutido e com possibilidade de ser reeditado, de acordo com as mudanças que o território e o grupo de mulheres forem visualizando em sua evolução.

## **5 Conclusões**

No cotidiano, as mulheres esbarram com muitas dificuldades, como a falta de documentos e escolaridade. A dificuldade de lidar com atividades do mundo público, como abrir conta bancária, por exemplo, é reforçada pelas práticas e costumes sexistas, que colaboram com a perpetuação da subordinação das mulheres rurais. O reconhecimento legal das mulheres na produção da agricultura familiar é um grande passo, mas além das leis é necessário um conjunto de ações paralelas que empoderem as mulheres, para que possam usufruir os direitos conquistados.

O Guia, produto desta tese, é um produto dessa resistência das mulheres, da luta para se organizar, produzir e gerar renda. Um material para ser multiplicado em outros espaços, adaptado e aperfeiçoado com a realidade e a necessidade de cada território. Certamente, a construção de uma nova realidade social exige a participação coletiva de quem tem interesse em um projeto comum que abarque algumas dessas respostas. No entanto, os paradigmas de gênero e da questão agrária se mostram fundamentais para esse movimento, é necessária uma revolução, pois, sem feminismo não há Agroecologia!

## **6 Agradecimentos**

Agradeço às Mulheres Rurais produtoras de alimento no Assentamento de Normandia, Caruaru-PE, minha sincera admiração.

## 7 Referências

- BUTTO, A. *et al.* **Mulheres rurais e autonomia**: formação e articulação para efetivar políticas públicas nos Territórios da Cidadania. São Paulo: Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), 2014. 132 p.
- CARRASCO, C. A sustentabilidade da vida humana: um assunto de mulheres? *In*: FARIA, N.; NOBRE, M. **A produção do viver**. Editora SOF, 2002.
- CARRASCO, C. La economía feminista: ruptura teórica y propuesta política. *In*: FARIA, N. **Mulheres Rurais na economia solidária**. *In*. **Autonomia e Cidadania**: políticas de organização produtiva para as mulheres no meio rural. BUTTO, A. DANTAS, I. (orgs.). Brasília: MDA, 2011, p. 37-53
- GODOI, E. P. Mobilidades, encantamentos e pertença: o mundo ainda está rogando, porque ainda não acabou. **Revista de Antropologia**, [S. l.], v. 57, n. 2, p. 143-170, 2014. DOI: 10.11606/2179-0892.ra.2014.89111. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/89111>. Acesso em: 15 nov. 2023.
- GUZMÁN, E. S. Uma estratégia de sustentabilidade a partir da Agroecologia. **Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 35-45, jan./mar. 2001.
- HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. – 4ª ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.
- HARDIN, G. The tragedy of the commons. **Science**, v. 162, p. 1244-1248, 1968. JALIL, L., SILVA, L. C., OLIVEIRA, J. Caderneta agroecológica: A contribuição das mulheres para a soberania e segurança alimentar e conservação da agrobiodiversidade. **Revista Cadernos de Ciências Sociais da UFRPE**, 2(15), 98– 125. 2020.
- PACHECO, M. E. L. **Sistemas de Produção**: uma perspectiva de gênero. Workshop “Gênero, Democracia e Políticas Públicas - construindo referências para a política de atuação das ONGs Brasileiras”. Coordenação de SOS CORPO Gênero e Cidadania e apoio da entidade alemã GTZ. São Paulo, p. 1-13, 1996.
- RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. São Paulo, Ática, 1993.
- REASON, P.; BRADBURY-HUANG, H. (EDS.). **The SAGE handbook of action research: Participative inquiry and practice**. 2. ed. Thousand Oaks, CA: SAGE Publications, 2007.
- SCHMITZ, H.; MOTA, D. M.; SOUSA, G. M. O fim do Programa de Aquisição de Alimentos: reviravoltas para mulheres extrativistas em Sergipe. **Política e Sociedade**. Florianópolis, v. 15, edição especial, 2015.
- SHIVA, V. **Manifiesto para una democracia de la tierra**. Justicia, sostenibilidad y paz. Barcelona: Paidós, 2006.
- SILIPRANDI, E. **Mulheres e Agroecologia**: a construção de novos sujeitos políticos na agricultura familiar. 2009. Tese de Doutorado. Universidade de Brasília, Centro de Desenvolvimento Sustentável, Brasília, 2009.

SILVA, F. R F. Gênero, agroecologia e economia solidária: estudo de caso do grupo de mulheres do Acampamento Recanto da Natureza em Laranjeiras do Sul – PR. **Desenvolvimento e meio ambiente**, v. 39, 2016.

SOUZA, M. R. et al. As dimensões do cuidado no âmbito da economia feminista: Um olhar sobre o trabalho das mulheres rurais no contexto da agricultura familiar. **Emancipação**, v. 23, p. 1–19, 2023.

SPECHT, A. A. **Autonomia crítica das mulheres rurais**: a casa pode cair, elas querem voar /; orientador Newton Narciso Gomes Júnior - Brasília, 2019. 106 p SCHMITZ, H.; MOTA, D. M.; SILVA JÚNIOR; J. F. Gestão coletiva de bens comuns no extrativismo da mangaba no nordeste do Brasil. *Ambiente & Sociedade*.

Campinas v. XII, n. 2, p. 273-292, jul.-dez. 2009THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

VASCONCELOS, C. S. **Planejamento**: projeto de ensino- aprendizagem e projeto político pedagógico – elementos metodológicos para elaboração e realização. 10 ed. São Paulo: Libertd, 2002. v.1.